ualis A1
rte | Educação | Filosofia | História |
terdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

DIÁRIOS DAS ENCHENTES: TRANSBORDAMENTO DO CONTEXTO SOCIAL DA MUSICOBIOGRAFIZAÇÃO

FLOOD DIARIES: OVERFLOWING THE SOCIAL CONTEXT OF THE MUSICOBIOGRAPHY

DIARIOS DE LAS INUNDACIONES: DESBORDAMIENTO DEL CONTEXTO SOCIAL DE LA MUSICOBIOGRAFÍA

Ana Lúcia Louro
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS, Brasil
Universidade do Estado de Santa Catarina –UDESC, Florianópolis/SC, Brasil

Resumo

A partir do desafio de como retomar as aulas após as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, é proposta uma pesquisa baseada em meus diários de aula enquanto professora formadora. A análise de dados, friccionada a partir do conceito de musicobiografização, aponta a importância do lúdico da prática musical. Assim, é destacada a possibilidade para a formação de professores, do despertar dos professores em formação para questões sociais. Pretende-se contribuir para os debates das pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical, da formação de professores de música e de metodologias de ensino em momentos atípicos, através de diários de aula.

Palavras-chave: Educação Musical. Pesquisa (Auto)biográfica. Diários de aula.

Abstract

Starting from the challenge of how to resume classes after the May 2024 floods in Rio Grande do Sul, this research is based on my teaching journals as a teacher educator. The data analysis, in dialogue with the concept of musicobiographization, highlights the importance of playfulness in musical practice. Thus, the study emphasizes the potential of teacher education to awaken future teachers to social issues. It aims to contribute to the debates in (auto)biographical research in music education, music teacher training, and teaching methodologies during atypical moments, through the lens of classroom journals.

Keywords: Musical Education. (Auto)biographical Research. Class diaries.

LOURO, Ana Lúcia. DIÁRIOS DAS ENCHENTES:TRANSBORDAMENTO DO CONTEXTO SOCIAL DA MUSICOBIOGRAFIZAÇÃO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-21, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

A partir del desafío de cómo retomar las clases después de las inundaciones de mayo de 2024 en Rio Grande do Sul, se propone una investigación basada en mis diarios de clase como profesora formadora. El análisis de los datos, en fricción con el concepto de musicobiografización, señala la importancia del carácter lúdico de la práctica musical. De esta manera, se destaca la posibilidad, en la formación docente, de despertar en los futuros profesores una sensibilidad hacia cuestiones sociales. Se pretende contribuir a los debates en torno a las investigaciones (Auto)biográficas en la educación musical, la formación de profesores de música y las metodologías de enseñanza en contextos atípicos, a partir de los diarios de clase.

Palabras clave: Educación Musical. Investigación (Auto)biográfica. Diarios de clase.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Apresentação

> Mesmo durante o período do pós-doutorado em Santa Catarina, estive em estreito contato com meu marido, que ficou em Santa Maria para cuidar do sítio. Lá, mais fortemente, parece que a aventura das águas ainda não terminou. Hoje chove muito, as notícias em todas as telas dizem que não é outra enchente, mas pontes de madeira já caíram. Numa perspectiva mais pessoal, ontem à noite, relia este artigo, enquanto esperava o jovem vizinho chegar da aula para alcançar a chave do nosso carro na nossa casa. Consertamos a ponte no acesso ao sítio justo antes das chuvas, mas o carro não pode passar, ainda está no vizinho e precisa ser colocado na garagem, pois pode cair granizo. Hoje é o dia seguinte, sem notícias dos jovens do outro lado da estrada, que agora moram na casa que foi inundada no ano passado. Depois, o rapaz vem e nos entrega a chave do carro, dizendo que a casa não foi inundada, nem a estrada está coberta de água, como no ano passado. Uma vida na corda bamba, e isso é o que parece que as mudanças climáticas estão nos dando. Não falei diretamente delas neste texto, mas estão nas entrelinhas. E parece que estarão nas entrelinhas das nossas vidas, durante nossos futuros próximos (Jornal de pesquisa, 09/05/2025).

A análise de dados dessa pesquisa está inserida dentro de um esforço maior do Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil (Almeida; Texeira, 2023; Texeira; Almeida, 2024) de estudar as diferentes relações da música e das narrativas em processos de ensino e de aprendizagem. Neste grupo, alguns conceitos nocionais foram apresentados ao longo dos anos. Marques *et al.* (2022) apresentam uma revisão desses conceitos, dentre os quais está a musicobiografização, desenvolvida por Abreu (2022a; 2022b) e friccionada por Lavratti (2024) em sua dissertação de mestrado. Para Abreu (2022a),

> Partindo da noção de (auto)biografização, ou seja, da pessoa que narra os seus processos comportamentais internos em relação com o mundo externo, a palavra “grafia” que está incorporada ao termo nocional “(auto)biografização” é, nos termos de Passeggi (2021), aquilo que se configura como medialidade. Esse “medium” deve ser entendido como “materialidade” – elementos. Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa sobre a qual age aquele que faz música ou que com ela se relaciona. É uma relação que acontece no modo de ser músico, professor de música, ou estudante dela (Abreu, 2022a, p. 4 e 5).

Dentro da construção do conceito de musicobiografização se destacam os escritos de Passeggi (2020 *apud* Abreu, 2022a):

> na biografia como vida encontramos o sujeito da experiência, na biografia como formação o sujeito epistêmico, e na biografia como

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> texto o sujeito autobiográfico que se constituiu, na(s) e pela(s) linguagem(ns) numa estreita relação com o sujeito epistêmico e da experiência. […] O que resulta para mim desse exercício filosófico sobre as três dimensões do sujeito – epistêmico, da experiência e autobiográfico – é que o sujeito autobiográfico religa no processo de autobiografização, o sujeito epistêmico e da experiência […] mediante o uso da linguagem (oral, escrita, digital gestual, icônica…) ele se transforma em narrativa, poesia, [música] e história. Sua essência não é, pois, a vida (bios), mas a narrativa (texto), na qual e pela qual ele se torna um outro (reinventa-se) (Passeggi, 2020, p. 73-74 *apud* Abreu, 2022a, p. 3).

Passeggi (2023) aponta a obra de Paulo Freire como uma das referências que constituem o desenvolvimento das reflexões da pesquisa (Auto)biográfica em Educação. Segundo a autora,

> the field opened by educational biography helped to cement the epistemological, theoretical, and conceptual importance of life experiences in education as foundational for the professional and existential formation practices of adults, aimed at self-knowledge, taking a stand on life and liberation from oppressive processes. This ethical stance was in fact inaugurated by Paulo Freire in Latin America as a culturally and politically rooted epistemology, one could say (Passeggi, 2023, p. 2)[1].

Num diálogo entre as áreas de música e educação, Aróstegui (2000) se destaca como um dos autores que problematiza sua pesquisa a partir de um olhar social e político. Já Cunha (2020), ao analisar os seus diários em forma de microbiografias, se coloca de modo contundente no que se refere às questões políticas. A autora serve de referência metodológica para a minha pesquisa de pós-doutorado (Louro, 2025). Na mesma direção, Souza e Frega (2022) tencionam a possibilidade de a educação musical suscitar reflexões para questões de direitos humanos.

Considerando este quadro de revisão teórica, reapresento a análise dos diários escritos após as enchentes do Rio Grande do Sul, de maio de 2024[2]. A análise é ampliada, uma vez que se considera o viés de questões sociais

[1] "O campo aberto pela biografia educacional ajudou a consolidar a importância epistemológica, teórica e conceitual das experiências de vida na educação, como fundamento para as práticas de formação profissional e existencial de adultos, voltadas para o autoconhecimento, a tomada de posição na vida e a libertação de processos opressores. Essa postura ética foi, de fato, inaugurada por Paulo Freire na América Latina como uma epistemologia enraizada cultural e politicamente, pode-se dizer" (Passeggi, 2023, p. 2).

[2] Parte desse texto foi apresentada e publicada na Abem Sul de 2024.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

presentes nos diários analisados que espelham o processo de musicobiografização.

Os diários escritos a partir da retomada das aulas, em junho de 2024, foram produzidos por mim, enquanto professora formadora, a partir das disciplinas de graduação e pós-graduação, buscando contar sobre as aulas, no caso, aulas de formação de professores de música, em especial sobre os dilemas e musicobiografizações que ocorrem durante a prática educativa. Zalbaza (2004) traz a noção de dilema, organizando a escrita e a análise de diários a partir de ponderações sobre situações de difícil solução.

Ao me deparar com os desafios do momento em que vivíamos, com a tragédia das cheias e deslizamentos no Rio Grande do Sul, me questionei: “o que devemos ensinar nesta volta às aulas na universidade?”. Voltei o olhar para a pesquisa (Auto)biográfica. A perspectiva (Auto)biográfica, de certa forma, desseca as relações humanas, colocando um foco na maneira como a pessoa, aluno ou professor, se constitui e em como tal processo pode ser narrado.

Este processo narrativo é estudado na presente pesquisa a partir dos diários, que, por sua vez, se apresentam como uma opção metodológica interessante, porque, ao mesmo tempo, relatam as circunstâncias, muitas vezes adversas, vividas por mim, como professora formadora, e por meus alunos, e auxiliam em minha reflexão e nas minhas tomadas de decisão, enquanto ministrante das disciplinas, ao longo do processo.

Metodologia

> Ao lado da tradição do diário íntimo que a literatura tem comentado, existe uma tradição do diário de pesquisa que começou em 1808, com o livro de Marc-Antoine Julien, “Ensaio sobre o método...” que convida os jovens a se formar escrevendo três diários: o diário da saúde, o diário de seus encontros e o diário de suas aquisições científicas (Hess, 2006, p. 89).

Trazendo de 1808, data do primeiro livro sobre diários para pesquisa, para 2025 os diários, ainda é possível localizar uma utilidade para essa ferramenta, no que tange ao relato da subjetividade do professor e da intersubjetividade com seus alunos. No nosso grupo de pesquisa, Narramos (Auto narrativas de práticas

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

musicais, certificado na UFSM e no CNPq)[3], tem uma larga experiência em relação à utilização dessa metodologia para pesquisa.

Desde 2010, foram 6 capítulos de livro, 6 artigos, 2 teses, 3 dissertações e 10 TCCs produzidos. Em relação a projetos sociais e música, destaca-se o artigo de Sala e Louro (2015), no qual as questões da escolha de repertórios musicais são abordadas a partir de uma intersubjetividade com os alunos. No que se refere a pesquisas a partir de meus diários, se destacam dois escritos: Louro (2023), sobre aulas de flauta doce no ensino superior, e Louro (2013), sobre a relação entre as histórias de vida dos alunos e o referencial teórico de Larrosa (2002) em aulas de pesquisa para o curso de Licenciatura em Música da UFSM.

Além disso, junto com Douglas Weiss, revisei os conceitos de diário de aula e de jornal de pesquisa em um texto sobre diários de aula de acordeom para a terceira idade (Weiss; Louro, 2016). Nele, retornamos os autores como Zabalza (2004), que afirma:

> Racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise e, no caso de desejá-lo, se facilita a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou grupo de colegas (Zabalza, 2004, p. 18).

Em relação ao jornal de pesquisa, Barbosa e Hess (2010) explicam:

> A prática do JP se insere numa outra perspectiva de entender e de fazer ciência, que se caracteriza por apresentar posições opostas em relação à linguagem matemática e ao isolamento do sujeito. Nessa outra perspectiva, entram em cena a pesquisa qualitativa, a postura hermenêutica e interpretativa e a incorporação da presença do observador com todas suas implicações, apresentando como resultado um conhecimento não objetivo no sentido matemático, mas híbrido, mestiço, resultante da mistura de razão e subjetividade do observador[...]. Precisamos avançar nesse procedimento de ver a nós mesmos, enquanto olhamos nossos objetos de interesse e interrogação. Assim, tão importante quanto darmos conta do mundo que nos é exterior é avançarmos no conhecimento de nós mesmos (Barbosa; Hess, 2010. p. 32-33).

Nesta pesquisa, foram utilizados diários de aula e jornais de pesquisa, também chamados de diários de reflexão. No que tange à análise de diários,

[3] UFSM se refere à Universidade Federal de Santa Maria e CNPq é a sigla para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Zabalza (2004) proposta em cinco etapas: 1) Construir a impressão geral dos diários (fazer uma leitura completa); 2) Analisar os padrões e as repetições; 3) Identificar os pontos temáticos que vão aparecendo e fazer uma leitura transversal; 4) Analisar qualitativamente os elementos explícitos e implícitos da informação do diário; 5) Identificar os dilemas profissionais e pessoais que aparecem no diário.

As aulas foram retomadas em 27 de maio. Foram escritos, até 20 de julho de 2024, 6 diários de aula, 3 jornais de pesquisa, 5 diários condensados (após um tempo, passei as escrever sobre as aulas de quarta de manhã e de tarde e de quinta de manhã, de forma conjunta).

As disciplinas relatadas nos diários são:

- Educação Musical III - ênfase na infância - aspectos psicológicos;
- Seminário Temático II LP 04 - Metodologias narrativas e pesquisa em artes: da reflexão de si para a prática de pesquisa;
- Práticas Educativas II;
- Estudos orientados à pesquisa.

Educação Musical III é uma disciplina básica do terceiro semestre para o Curso de Música: Licenciatura, que possui 60h de carga horária – metade teórica e metade prática; Seminário LP 04 conta com 60h e é uma disciplina para o mestrado e para o doutorado, com ênfase no estudo de autores ligados à (Auto)biografia e Educação Musical; Prática Educativa II é uma disciplina de 60h, que se dá como prática de ensino não-escolar para os alunos do curso de Música: Licenciatura Plena, com ênfase em projetos sociais; Estudos orientados à pesquisa é uma disciplina de mestrado e doutorado, a qual formaliza a participação dos alunos no grupo de pesquisa.

Naquelas primeiras aulas, trabalharei com duas perguntas:

- Que experiências vocês podem contar sobre as enchentes?
- Como está acontecendo ou como vocês imaginam a volta dos seus alunos às aulas de música?

Só posteriormente, em cada aula, passei aos conteúdos programados das disciplinas. A seguir, trago a análise de dados, buscando contar as histórias do semestre, depois do fim da enchente, de modo semilinear, buscando problematizar os trechos tanto pela ordem em que são colocados quanto pelos autores com os

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

quais vou dialogando. Nesta análise, me utilizo das etapas de Zabalza (2004) mencionadas anteriormente, bem como de processos de condensação de dados da análise hermenêutica presentes, entre outros autores, nos escritos de Morais e Bragança (2021).

Análise dos diários

> Teria sido o final da aventura? Não era só o começo. Para nós foi pouco, nove dias sem luz, pouca água, pouca internet e a impossibilidade de sair. Já para povo do Rio Grande do Sul foi uma imensa tragédia. Ajudamos como pudemos dando principalmente apoio aos funcionários do nosso viveiro que são líderes na comunidade. Mas um dia deveremos voltar a sala de aula universitária, o que ensinar diante dessa tragédia? Com que metodologias? (Jornal de pesquisa, 14.05.2024).

A partir de uma análise de dados baseada nos princípios de Zabalza (2004), pude localizar os seguintes dilemas nos diários: 1. Ao recomeçar as aulas, seria interessante simplesmente retomar os conteúdos ou seria melhor abordar as experiências com as enchentes também? 2. Como continuar dando aula com as dificuldades apresentadas por mim e pelos estudantes?

> A chuva ameaça parar e está só uma garoa, mas todos nos sentimos meio como mofados. Nossas ideias, nossas aulas, nossos eventos, nossos prédios, nossos pensamentos, "*tá* tudo meio estranho", como falou uma aluna na aula de Prática Educativa II (Diário de aula, 29/05/24).

O curso de Música: Licenciatura ficou parado por um mês. Eu, pessoalmente, tinha muitas dificuldades de deslocamento, porque a ponte da localidade onde moro caiu. Apesar de ser professora universitária e ter condições financeiras para morar em outro lugar, optei por estar junto à natureza, onde meu marido pode desenvolver seu sonho de ter um viveiro de plantas ornamentais. Ao recomeçar as aulas, escolhi conversar primeiro sobre as experiências com as enchentes. A música, e seu ensino, acontece num contexto.

Como já afirmavam os autores do livro organizado por Aróstegui em 2004, The Social Context of Music Education, a educação musical se dá em um contexto.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Isso também foi destacado por Souza e Frega (2022) em seu artigo sobre Educação Musical e Direitos Humanos ao afirmarem que

> Com este trabalho pretendia-se estabelecer um diálogo entre a educação musical e os direitos humanos. Se tivermos em conta as possibilidades de ação da educação musical em um cenário social de forma tal que essa área também possa configurar como um outro campo disciplinar, junto a tantos outros que defendem, preservam, garantem e mantém os direitos humanos como uma dimensão (Souza; Frega, 2022, p. 67).

Isso ainda é corroborado por Vasconcelos, Pires e Lemos (2024), quando estes autores ponderam que:

> A música, nas suas múltiplas vertentes e funcionalidades, pode ser caracterizada como uma construção humana que envolve ideias, emoções, estruturas, códigos e convenções, contextos e historicidades, numa rede alargada de pessoas e de sentidos. Por outro lado, apresenta-se com uma dimensão social, uma vez que as práticas musicais, quaisquer que elas sejam, de natureza mais interpretativa ou criativa, implicam um conjunto diversificado de relações interpessoais e comunitárias (Vasconcelos; Pires; Lemos, 2024, p. 2).

Desta forma, o objetivo da formação dos professores de música vai bem além das questões técnicas, abrangendo questões sociais e de cidadania.

> Os depoimentos chegam. Um aluno fala do coro no projeto social; a abordagem muda, “uma aluna atingida, flexibilização de faltas e repertório”. Outro aluno narra das aulas de violino no mesmo projeto. “No primeiro dia depois da enchente falamos mais do que tocamos” (...) combinamos de retomar o esquema normal das aulas na próxima semana com o projeto de pesquisa nas entrelinhas (Diário de aula, 27/05/2024).

Em sentido semelhante, a pesquisadora narra a proximidade de suas experiências particulares com as enchentes daquelas que socialmente os habitantes do Rio Grande do Sul estavam vivenciando, trazendo uma relação entre individual e coletivo bastante cara à pesquisa (Auto)biográfica. Ela pondera: “vejam, é como eu, Ana, fazendo pesquisa sobre as enchentes, como eu vivo em minha biografia aquilo que toda a população do Rio Grande do Sul também viveu, aqui falando das estruturas políticas e sociais do nosso estado” (Diário de aula, 03/07/2024).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Numa perspectiva que desenvolve a narrativa a partir da experiência com músicas, se aproximando da musicobiográfia, os alunos de pós-graduação rememoram as músicas que ouviram durante as enchentes. Para Abreu (2022), "trata-se, portanto, de um acesso da reflexão dessa narrativa em que o sujeito se volta para si mesmo como autor e narrador. Ele é o próprio objeto de reflexão em estreita relação com a linguagem musical" (Abreu, 2022a, p. 5).

> O doutorando deixou esta tarefa, tragam suas músicas na próxima aula. Hoje é a próxima aula, começamos em tom triste. Falo da situação da minha vizinha que está internada depois de ver a sua casa devastada pela enchente. A primeira aluna traz "Sorri de novo", do compositor Tales de Poli da banda Maneva. Ficamos meditando no tamanho da tristeza que se abate sobre todos nós (...). Outra aluna traz "O Xote da Amizade", de Mario Barbará. Ela conta como teve muitos amigos atingidos pelas enchentes, principalmente em Porto Alegre. Estava triste e não pensava em cantar e tocar e, então, surgiram os eventos para arrecadar donativos. Ela se puxou, saiu da prostração e foi tocar: "era preciso fazer alguma coisa, escolher uma música alegre, pois a questão é transformar tristeza em alegria". Outra aluna lembra uma enchente da sua cidade que fica às margens do Rio Uruguai e traz "Mágoas do Rio"[4] (Diário de aula, 12/06/2024 e 13/06/2024).

Lembro-me, ainda, de que falamos muito em fazer música em família na falta de energia. Mostrei a foto de meu sobrinho tocando flauta doce, que eu ensinei à luz de velas. Assim, a música parece ser uma catarse para o medo e a falta de segurança dos momentos vividos por mim e pelos alunos de pós-graduação nas enchentes. Mas é necessário continuar com a ementa das disciplinas, no caso de Práticas Educativas II, é preciso dar as aulas, o que se torna problemático depois das enchentes. Ao narrarem suas dificuldades enquanto professores de instrumento, os alunos problematizam as suas experiências com música e ensino. Numa direção semelhante à desenvolvida por Abreu (2022).

> Os dois alunos que ainda não conseguiram começar as suas aulas culpam a volta das enchentes: "sabe as pessoas estão desorganizadas e ficam cheias de desculpas". Todos os alunos, que são professores de aulas particulares de música, apontam o dilema da ausência dos alunos em muitas aulas e de não avisarem com antecedência[5]. O que parece se salientar é uma certa desmotivação dos alunos para a aula de música, que acaba por desmotivar o professor. Converso com os alunos que ainda não

[4] "Mágoas do Rio": letra e música de Los Camangos.

[5] Como prática de ensino, os alunos da disciplina estavam dando aulas particulares de música, como aulas individuais. Os alunos para quem estavam lecionando faltavam sem avisar, alegando estar desorganizados por causa das enchentes (mais análises dessa disciplina em Louro, 2025).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> deram aulas, proponho materiais didáticos ou videoaulas, devo encontrar um caminho para que possam administrar a disciplina nesta circunstância (Diário de aula, 12/06/2024 e 13/06/2024).

Parece que, mais ao final do semestre, conseguimos transformar tristeza em alegria, conforme pontuei em um diário (Jornal de pesquisa, 01/06/24), sobre uma missa na qual toquei, que seria essencial tanto para as pessoas relacionadas à minha religião como para todos. Naquele diário falo das tradições solenes da música católica e também das tendências, mais pentecostais, de bater palmas e dançar. Tanto em relação à música litúrgica como na escolha de repertórios em geral parece que a alegria de uns pode ser a tristeza de outros, como está plasmado em uma discussão sobre repertório a ser tocado na escola de uma aula da Educação Musical III:

> Uma aluna comenta que seria alegre tocar o tema do Sítio do Picapau Amarelo. Eu me recordo de duas memórias afetivas relacionadas a esta música: anos atrás, quando um grupo de professores encabeçou uma audiência pública na câmara de vereadores de Santa Maria sobre a música na escola, e os estudantes tocaram esta música na flauta doce e; na minha infância, quando minha mãe lia os livros de Monteiro Lobato para nós. Meu devaneio poético é interrompido. O aluno diz: “Monteiro Lobato não está mais cotado como grande autor brasileiro”. Eu respondo: “sim, eu sei, pela maneira como ele retrata tia Anastácia em o Sito do Picapau Amarelo”. Outra aluna, com ancestralidade africana, complementa: “através da tia Anastácia, ele retratou todas as mulheres negras”. Gostaria de não ter ficado em silêncio, mas fiquei, precisava digerir aquela conversa que começou com repertório para tocar para as crianças na escola e terminou falando em questões raciais (Diário de aula, 03/06/2024).

Desnecessário dizer que não tocamos o tema do Sítio do Picapau Amarelo no recital.

De acordo com o que aponta Dupuy (2006), existe um movimento de união para a superação da tragédia. No entanto, tal união ainda está sujeita aos pontos de vista e às perspectivas de cada estudante, neste caso, e também da professora formadora.

> À tarde procuramos ensaiar e debater sobre o recital (...). Para o título do recital, uma aluna sugere: “Recital de Práticas Educativas e Seminário Narrativas: entre diários e experiências musicais”. Gosto muito! Penso na diferença entre experiências musicais e como são narradas, o contraste maior é desta turma com a de segunda (Educação Musical III). Os de segunda querem tudo planejado, ensaiado e direitinho, os de quarta se divertem muito e sabem que estamos fazendo música em casa, no caso desse

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> recital, que é diferente da outra turma que prepara um recital para a escola. Os de quarta de tarde parecem se divertir muito, alguns vão ao banheiro meio alongadamente e olham muito o celular, mas a maioria curte o momento, estão com pressa até de terminar a aula, muitas outras tarefas, mas no momento em que vejo os alunos tocando nas minhas flautas doces graves, improvisando e dançando, acredito que de uma forma concreta conseguimos transformar a tristeza, do momento inicial da volta depois das enchentes, em alegria (Diário de aula, 03/07/24).

É importante tirar a áurea romântica do momento. Sim, conseguimos nos alegrar um pouco e talvez trazer alegria para os alunos dos nossos alunos, mas os desafios eram muitos. No entanto, tratava-se de manter o lúdico presente em meio às incertezas, como ponderei em outro diário (Diário de aula, 17/06/24), e também de levantar a névoa de tristeza que pairava sobre nós, como mencionei ainda em outro diário (Diário de aula, 05/06/24). E, assim, num momento de encerramento de semestre, fizemos um recital das disciplinas de Seminário Narrativas e Práticas Educativas II. Interessante que estas são disciplinas, a princípio, teóricas e de prática de ensino, mas os alunos desejaram fazer música para trabalhar com as múltiplas emoções do momento.

> "Passa chuva, passa vento, só não passa o movimento do cirandeiro a rodar". Está foi nossa última música no recital. Expliquei no início, fiz um projeto de pesquisa com diários sobre como voltar às aulas depois das enchentes. Parecia haver uma névoa sobre nós, como o clima de hoje de manhã, mas ela se dissipou e pudemos transformar a tristeza em alegria, como a ludicidade que praticamos com nossas crianças (alunos), mesmo quando as coisas não estão bem. Algumas canções gauchescas melancólicas, canções de alegria, também características do nosso estado, uma MPB para variar, algumas outras canções populares e a ciranda, ao final. Muitos risos, conversas, sons, muita descontração e um certo alívio de ter permissão de se divertir em uma atividade acadêmica. Convidados especiais, o filho de um dos funcionários do nosso viveiro, que é líder comunitário, como falei antes, um colega querido (...) e as minhas flautas de diversos tamanhos, que agora não parecia um peso, como no Titanic, mas mais uma ferramenta para buscar experiências musicais[6] [7] (Diário de aula, 17/07/24).

[6] Nos ensaios e recitais, os alunos tocavam diversos instrumentos e cantavam conforme já haviam aprendido anteriormente. A minha história de estudante e professora de música está ligada também à flauta doce. Tendo a maioria das flautas da família desse instrumento (soprano, contralto, tenor e baixo), costumo propor que as utilizemos nas músicas que fazemos nas disciplinas. Neste semestre, tentamos fazer um arranjo do tema de Titanic, que não deu certo, por ser muito difícil. As intervenções mais improvisatórias parecem ter dado mais certo.

[7] Músicas do recital: “Canção da meia noite” (Zé Flávio), “Até o fim” (Humberto Gessinger), “Escuta o que eu te digo” (Fábio Soares), “Grama verde” (Vitor Ramil), “Xote da amizade” (Mário Barbará), “Mágoas do rio” (Los Camangos) e “Cirandeiro” (canção do folclore brasileiro).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A multiplicidade de temas desafia a análise neste tipo de pesquisa, mas existe um fio condutor – a musicobiografização – que perpassa este olhar sobre o que escrevi a partir de minha experiência com os alunos e as alunas das disciplinas. Destaco ainda a passagem de uma névoa de tristeza para a alegria, possível nas circunstâncias, através da ludicidade experienciada no fazer musical.

A medialidade na musicobiografização

Marques *et al.* (2022) problematizam os diferentes termos nocionais gerados nas pesquisas que aproximam a Educação Musical da abordagem (Auto)biográfica. Estas autoras destacam "autobiografias musicais, biografia musical, biografia músico-educativa, escuta musical autobiográfica, musicobiografização e ateliê musicobiográfico de projeto (AMBP)" (p. 20). Lavratti (2024), em sua dissertação, analisa o termo nocional da musicobiografização, cunhado por Abreu (2022a; 2022b) e Viera e Abreu (2022), destacando a questão da medialidade.

> Compreende-se que a musicobio(grafia) incorpora em sua essência a medialidade que desafia a concepção tradicional de que a narrativa é engendrada pela (bio) e pela (auto). Assim, é a música, com sua materialidade específica, que dá origem à (auto)biografia, pois sem os registros musicais de si, não há história. A autora ressalta que a música atua como o elemento mediador na construção de histórias e nas experiências formativas que foram registradas por meio dela (Lavratti, 2024, p. 75).

Assim, ao escolherem músicas relacionadas às enchentes do Rio Grande do Sul, os alunos de pós-graduação da presente pesquisa não só relataram fragmentos das suas histórias de vida como friccionaram as suas memórias, refletindo em relação às músicas que escolheram. Para a aluna que tocou nas apresentações para arrecadar donativos, não se tratou apenas de recordar aquele momento, mas de perceber todo o seu processo, que vai de uma apatia tristonha para um movimento de reação que escolhe as músicas mais alegres possíveis.

No entanto, definir o que seria "o mais alegre possível" depende da história de vida de cada um, tanto no que se refere às metodologias de ensino quanto em relação à escolha de repertórios para recitais. Vieira e Abreu (2022), em seu artigo sobre a musicobiografização de um professor de projeto social, afirmam:

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> Na singularidade do professor de música estão os conteúdos, metodologias e práticas musicais que podem ser reproduzidas ou trabalhadas de forma parecida com a do aprendizado porém, a experiência dessa prática é única, uma vez que cada delas é formativa e faz parte do processo de musicobiografização de cada profissional da área (Vieira; Abreu, 2022, p.14).

Esta mesma questão está presente na discussão relatada anteriormente, sobre o uso ou não uso do tema do "Sítio do Picapau Amarelo" e suas implicações para as questões raciais. Esta pesquisa coloca holofotes sobre o fazer musical, seja com que repertório for, como um meio de canalizar as energias para "seguir em frente" depois das enchentes, pois, como afirma Abreu, "pensar a música e a medialidade para um acontecimento, como objetiva este escrito, é a primeira etapa para a compreensão do termo nocional musicobiografização que venho cunhando" (2022b, p. 10).

Divagações sobre questões sociais e políticas

Ainda parece interessante ponderar a questão social envolvida no momento das enchentes. Vivi mais de perto o que aconteceu na localidade onde morava, mas sei pela imprensa e pelo relato dos alunos que o momento foi mais que desafiador para outras localidades do Rio Grande do Sul. Muitos autores chamam a atenção para a questão do contexto social. Morais e Bragança (2021) destacam que nas idas e vindas da análise hermenêutica de diários é preciso se levar em consideração "suas relações com os contextos sociais, históricos e políticos" (p. 14). Indo para além disso, em direção a uma visão de política partidária, Cunha (2020), ao contextualizar a escrita de suas microbiografias durante a pandemia de corona vírus de 2020, se posiciona politicamente.

Existem dois aspectos ligados ao contexto social que estão presentes nos diários: meu envolvimento com a localidade onde morava, e seus problemas de moradores da periferia rural; e a tomada da formação de professores de música enquanto algo contextualizado no momento histórico e na sociedade em que se encontra. Como coloquei na epígrafe, para mim, pessoalmente, existe um encontro entre a convivência com as pessoas "aqui de fora" e meus estudos acadêmicos. Tenho respeito por seus saberes: remédios naturais, observação do clima a partir da natureza, leveza, muitas vezes, em tentar resolver os problemas da vida. Já ao

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

retornar à convivência com meus alunos, observei que muitos estavam afetados pela tragédia, se não pessoalmente, pelo menos afetivamente.

No entanto, chamou a minha atenção o fato de que alguns alunos ao menos haviam pensado sobre as enchentes, que, para eles, não eram algo mais importante do que ficar alguns poucos dias sem água ou sem luz. Senti que nem todos os estudantes tinham esta abertura de pensamento para as implicações sociais daquele momento atípico, e que não estavam preocupados com a situação. Tal atitude me desafiou a escrever mais sobre esta questão e a pensar na formação de professores de música, numa conjugação entre racionalidades técnicas – que sempre parecem ser algo inerente, especialmente no ensino de instrumentos, teoria e percepção e voz – e racionalidades práticas – muito divulgadas pelos métodos ativos de educação musical. Além disso, considerei a racionalidade sensível (Bragança, 2011), sobre a qual estudei em outro texto (Louro, 2025), mas de uma forma acentuada com a racionalidade crítica.

Para Adebribidgeb *et al.* (2014), dentro de um vies crítico construcionista "each teacher experiences his/her place of work through one's own personal experience and meaning-making" (p. 26)[8]. Aróstegui *et al.* (2022) seguem dizendo: "sin embargo, toda acción docente lleva implícita una concepción moral que es imposible separar de la teoría, es decir, la explicitud de nuestra opción moral en la práctica" (p. 3)[9]. Aróstegui (2000) desenvolve:

> Hablar de partipacion es hablar de democracia. La implicacion plena capacidade decisória y sentido crítico de pública es el sentido básico que se fundamenta. Sin embargo, es curioso comprovar que tal principio na supera su formento en el seno de la instituicion escolar, no ya por ser parte de esa sociedaded, sino sobre todo por ser la engrenagem do desarolo integral de la persona em todas sus facetas (Aróstegui, 2000, p. 3)[10].

Tal ênfase na autonomia também é destacada por Paulo Freire (1970):

8 "Cada professor vivencia seu local de trabalho por meio de sua própria experiência pessoal e construção de significado" (Adebribidgeb *et al.* 2014, p. 26).

9 "No entanto, toda ação docente carrega implicitamente uma concepção moral que é impossível separar da teoria, ou seja, a explicitação de nossa escolha moral na prática" (Aróstegui *et al.* 2022, p. 3).

10 "Falar de participação é falar de democracia. A plena implicação, a capacidade decisória e o sentido crítico do público são os fundamentos básicos desse conceito. No entanto, é curioso constatar que tal princípio não supera seu fomento no seio da instituição escolar, não apenas por ser parte dessa sociedade, mas, sobretudo, por ser a engrenagem do desenvolvimento integral da pessoa em todas as suas facetas" (Aróstegui, 2000, p. 3).

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

> A ação libertadora, (...) reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é a libertação dos homens e não de "coisas". Por isso se não é autolibertação - ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feitos pelos outros (Freire, 1970, p.53).

Já Vasconcelos *et al.* (2024), ao se referirem a diferentes aspectos socializadores da música, afirmam:

> Ora este poder de socialização poderá ser potencializado em consonância com as referências culturais e históricas que lhe estão subjacentes. Isto significa que a integração de uma determinada prática musical num contexto social e cultural se apreende a partir da trama de significados culturais e históricos que a constitui e que lhe confere sentidos. (Vasconcelos *et al.*, 2024, p. 4).

Problematizando mais a respeito de meus alunos das disciplinas, indago: será que aqueles que se diziam não afetados pelas enchentes compreendem este contexto social e histórico no qual a música e seu ensino estão inseridos como nos coloca Vasconcelos *et al.* (2024)? Será que eles estão em busca de uma autonomia, como futuros professores, que passe por uma autolibertação, como pondera Freire (1970)? Eles têm a percepção do ensino de música como uma ação moral, em acordo com a visão de Aróstegui (2000)? Como ensinar isso para alunos que correm atrás de notas e trabalhos em uma carga horária sobrecarregada, à qual geralmente associam diversas atividades como músicos e professores? Primeiramente, pelo exemplo enquanto professora formadora que se preocupa com questões sociais, é difícil, mas eu tenho um propósito neste sentido. Depois, sempre que possível, por uma abordagem crítica dos relatos sobre aulas de música. Qual era o seu objetivo? Como você dialogou com o aluno? De que forma está inserido nos contextos sociais e culturais que vocês interagem?

Ainda terei outras oportunidades para desenvolver minhas problematizações neste sentido. Mas o certo é que meus processos reflexivos como pesquisadora foram fortemente impactados pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

Breves considerações

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

A escrita de diários de aula não é apenas um relatar das experiências, o que já seria muito interessante, mas envolve uma domesticação das subjetividades (ver Bresler, 2007) e uma racionalização, através do processo de reflexão, das tomadas de decisões (Zabalza, 2004), especialmente no que tange às escolhas para os próximos passos que serão dados no ensino.

Primeiramente me perguntei sobre que metodologia utilizaria depois das enchentes. Posteriormente, a partir desse questionamento, escolhi fazer esta pesquisa e falar do contexto, focado na questão social, ou não, em que nos encontrávamos. Através dos diários, fui observando que o fazer musical era importante para aquele momento, mesmo que às vezes não concordássemos sobre o repertório. A cada dilema encontrado – precariedade dos prédios depois da chuva, como se deslocar, o que ensinar, como fazer os alunos ficarem motivados naquela situação –, fui buscando soluções subjetivas e objetivas através dos diários de aula.

Ao me dar conta da importância da vivência musical naquele momento, me voltei para a musicobigrafização como aporte teórico que me ajudava a compreender como a música mediava as narrativas orais dos meus alunos e os meus escritos nos diários. A partir de uma certa indignação com posturas passivas de alguns alunos, que contrastavam com a atitude colaborativa de outros, passei a pensar também no contexto social daquele momento, e em como ampliar a visão dos estudantes para esta questão. Para mim, este ponto era evidente, pois meus próprios vizinhos tinham diversas implicações em suas vidas.

Quando confrontada sobre que fazeres musicais trariam mais alegria, primeiro tive de mediar as escolhas de repertório, depois, as histórias de vida de cada aluno, e então percebi que arranjos mais improvisatórios e criativos traziam uma satisfação mais imediata, principalmente se eu estivesse tentando introduzir instrumentos, no caso, flautas doces de diversos tamanhos.

Ao analisar os diários de aula, apesar de ser desafiador, tomei a musicobiografização, as etapas de Zabalza (2004) e princípios da Análise Hermenêutica (Morais; Bragança, 2021) como bases. Além disso, a análise constante de ler o diário da aula anterior para pensar a próxima foi moldando as minhas decisões sobre como seguir em frente. Dos muitos textos que escrevemos

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

(Reck, 2012; Louro, 2013; Louro, Torres e Reck, 2021) sobre diários de aula e os conceitos de Zabalza (Louro, 2008; Reck, Louro e Rapôso, 2014; Louro, 2023; Sala e Louro, 2015; Louro e Reck, 2017; Weiss e Louro, 2016). incluindo a presente pesquisa, destaco a possibilidade para os professores de música de poder organizar seus pensamentos a partir do diário de aula e do conceito de dilema. Pretendo colaborar com as pesquisas sobre Educação Musical e abordagem (Auto)biográfica, principalmente no que se refere à escrita de diários.

Talvez, uma primeira conquista seja a de que “sobrevivemos ao semestre”. Foi possível desenvolver as aulas, mesmo com todas as dificuldades e tristezas trazidas pelas enchentes. A música parece ser o maior elemento lúdico que nos proporcionou passar da tristeza para a alegria, considerando os diários como a metodologia que ajudou a narrar, e a construir, este processo. Ensinar sobre o contexto social do fazer e do ensino musical pareceu essencial para encontrar caminhos de reconstrução da própria conexão de cada estudante com sua caminhada como professor de música.

A musicobiografização nos auxiliou a encontrar este entrelaçar entre narrativas e músicas. Por fim, esta pesquisa marca um novo começo para mim enquanto pesquisadora. Após vivências pessoais desafiadoras, senti-me motivada a escrever e colaborar no momento da retomada das enchentes, não só pelos meus alunos e pelos desafios de ensino, como também por morar em um sítio, numa localidade na qual muitas pessoas estavam tentando recomeçar. E eu sentia que a minha colaboração devia ser como pesquisadora, uma vez que a música, o ensino de música e a pesquisa em Educação Musical não são supérfluos, mas podem colaborar com sentidos para reconstruir as vidas de muitos.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Referências:

ABREU, Delmary Vasconcelos de. **Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (Auto)biográfica em educação musical.** *Revista da Abem,* v. 30, n. 2, e30202, 2022a.

ABREU, Delmary Vasconcelos. **A musicobiografização como intriga narrativa: um ensaio teórico entre pesquisa (Auto)biográfica e educação musical.** Revista Orfeu, v. 7, n. 1, p. 01-22, 2022b.

ALDEBRIGE, S.; COLUCCI-GRAY, L; GRAY, D. **Mentoring as a collaborative learning Journey for teachers and student teachers: a critical constructivist perspective.** Teacher Education Advancement Network Journal (TEAN)**,** 6 (3). p. 17-27.

ALMEIDA, Jéssica de; TEIXEIRA, Ziliane. **MOVIMENTO (AUTO)BIOGRÁFICO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL: AVANÇOS E PERSPECTIVAS** Revista da FUNDARTE. Montenegro, v. 57, n. 57, p. 1-21, e1270, 2023.

ARÓSTEGUI, José Luis. **Democracia y curriculum: la participación del alumnado en aula de música.** Granada: Universidad de Granada, 2000.

ARÓSTEGUI, José Luis. **The social context of music education. R**evista Electrónica de LEEME, [S. l.]**,** n. 49, p. 1-15, 2022.

BARBOSA, Joaquim G.; HESS, Remi. **O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo.** Brasília: Liberlivro, 2010.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **Narrar a minha experiência ou como buscar o lirismo em tempos de incertezas.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**,** Salvador, v. 05, n. 16, p. 1535-1548, Edição Especial, 2020.

DUPUY, Jean Pierre. **Ainda há catástrofes naturais?** Análise Social, Lisboa, v. 41, n. 181, p. 1181-1193, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HESS, Remi. **Momento do diário e diário dos momentos.** *In:* SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 89-103.

LARROSA, Jorge. **“Tecnologias do eu e educação”**. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu (org.*).* O sujeito da educação: Estudos Focaultianos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 35-86.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

LAVRATTI, Lionar. **Potencialidade epistêmica das narrativas com música: do termo nocional ao conhecimento.** 2024. 145 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

LOURO, Ana Lúcia; TEIXEIRA, Z. L. O. ; RECK, A. M. **Pesquisa em Música: reflexões sobre memórias musicais e dimensões da experiência de si.** Revista Digital do LAV, v. 9, p. 89-102, 2016.

LOURO, Ana Lúcia. **Improvisando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre a 'narrativa de si' na pesquisa em Educação Musical.** Educere et Educare (Impresso), v. 8, p. 479-497, 2013.

LOURO, Ana Lúcia. **Reflexões narrativas sobre ensino de instrumentos musicais: diários de aula de flauta doce.** In: ROCHA, Sheila Mangoli ; ROCHA, Gilvete de Lima Gabriel. (Org.). Formação docente e práticas educativas. 1ed.Boa Vista: Editora da UFRR, 2023, v. 1, p. 213-235.

LOURO, Ana Lúcia. **Presença da racionalidade sensível em diários de aulas de música: a busca de metodologias de ensino em tempos difíceis.** Submetido ao Congresso Nacional da Abem em Curitiba (em avaliação).

MARQUES, Mônica Luchese *et al.* **O dizível das pesquisas em educação musical: abordagem (auto) biográfica na produção acadêmica.** Revista Orfeu, v. 7, n. 1, p. 1-32, 2022.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa formação narrativa (auto) biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica.** Educar em Revista, v. 37, p. e75612, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Transformations of figures of the self and the other in biographical mediation.** Linhas Críticas, [S. l.], v. 29, p. 1-15, 2023. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/48135. Acesso em: 8 jan. 2025.

SALA, Helena Dóris ; LOURO, Ana Lúcia . **O diário de aula como um espaço para (auto)narrativa dentro de aulas de canto coral em um projeto social.** Reflexão e Ação (Online), v. 23, p. 411-431, 2015.

SOUZA, Jusamara; FREGA, Ana Lucía. **Educación musical y derechos humanos: diálogos necesarios.** Revista Internacional De Educación Musical, v. 10, p. 63-71, 2022.

TEIXEIRA, Ziliane Lima de Oliveira; ALMEIDA, Jéssica de. **GTE Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica: análise de sua produção.** Revista da ABEM, [s. l.], v. 32, n. 1, e32103, 2024.

VASCONCELOS, Antônio *et al. In:* VASCONCELOS, Antônio Ângelo (org*).* **Projeto Recriar-se – Música - (2024) - as práticas musicais e a volta a sentir-se**

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

pessoa. Setúbal; Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 2024, p 2-7.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional.** Porto Alegre: ArteMed, 2004. 160p.

ZALENZUELA, Felipe Javier Zamorano; ARÓSTEGUI, José Luis; MARTIN, Cristina González. **Dualidades y contradicciones em los planes de estudios de formación del profesorado de Música: de la reproducción económica acrítica a la justicia social.** Revista Electrónica de LEEME, 2022, n. 49, p. 1-15.

Recebido em:27/02/2025.
Aceito em:15/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Ana Lúcia de Marques e Louro Hettwer
Possui graduação em Bacharelado, Mestrado, Doutorado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991, 1995, 2004). Pós-doutorado pela Universidade Estadual de Santa Catarina (2025). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: Pesquisa (Auto)biográfica em Educação Musical, diários, narrativas de si, formação de professores, identidades profissionais e cursos superiores de música. É líder do grupo de pesquisa NarraMus (Auto-narrativas de práticas musicais) certificado no CNPq e na UFSM desde 2006. Participa dos grupos Formusi e Emco. É membro do Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil.

E-mail: ana.louro@ufsm.br
Orcid: 0009-0006-4865-7126

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/